

MODOS DE ARGUMENTAÇÃO DO DISCURSO EM CARTAS DE LEITORES DO SÉCULO XIX

Maria Joyce Paiva Medeiros (UFRN)¹

joycefrai@gmail.com

Orientadora: Sulemi Fabiano Campos (UFRN)²

sulemifabiano@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos sobre a argumentação não são recentes. Assim, no presente artigo nos propusemos a investigar como se dá o processo argumentativo em cartas dos leitores do século XIX, investigando quais os recursos e técnicas que seus escritores utilizavam para comunicar um fato, expressar um ponto de vista e convencer o interlocutor através de estratégias argumentativas.

Como gênero discursivo, a carta foi se constituindo de acordo com as necessidades interacionais, para estabelecer diálogo entre o produtor e o interlocutor, evidenciando uma reorientação, adaptação ou mesmo mudança ao longo do tempo.

Partindo do princípio de que esse gênero é um recurso que se aplica até os dias atuais e que, por sua composição, pode ter teor argumentativo, é relevante verificar como a carta do leitor foi se modificando de acordo com a finalidade comunicativa, principalmente nesse período em que os meios de comunicação eram restritos. Dessa forma, a sociedade da época se apropriava do recurso jornalístico para relatar episódios pessoais ou coletivos vividos pela população motivada a utilizar esse suporte, que propiciava ao leitor, a possibilidade de publicar sua crítica, opinião, reclamação ou pedido pessoal.

A escolha desse gênero de domínio jornalístico dá-se devido à riqueza de informações contidas nesse meio e à espontaneidade da qual as cartas de leitores se revestiam. Os gêneros discursivos de esfera jornalística, com o advento da imprensa no Brasil, proporcionaram às sociedades uma maior aquisição de informações até então inacessíveis.

As cartas do leitor, um dos segmentos do *corpus* analisado no projeto PHPB-RN, compunham-se principalmente de reclamações particulares ou coletivas, pedidos de ajuda para resolução de problemas ou relatos de episódios particulares ou coletivos, em busca de soluções. No contexto da época, algumas cartas eram enviadas ao Redator a procura de soluções ou com o intuito de comunicar um fato. Entretanto, elas se revestiam de grande relevância para a comunicação, pois se constituíam em importantes instrumentos argumentativos, visto que os meios de comunicação eram restritos, diferentemente de como ocorre na atualidade.

Na presente análise, tomamos como objetivo mostrar como o produtor da carta organizou a lógica argumentativa, ainda que de forma intuitiva, e como esta organização se assemelha em vários aspectos, aos pressupostos de Charaudeau (2009), que leva em conta pelo menos três elementos básicos na organização argumentativa: a asserção de partida, a asserção de passagem e asserção de chegada. Mostraremos ainda, como no processo argumentativo da carta do leitor do século XIX, o autor utilizou estratégias,

1 Aluna regular do curso de Graduação em Letras/Português do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graduada em Letras língua Francesa, Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa.

2 Orientadora Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso/GETED e integrante do e Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/USP. sulemifabiano@yahoo.com.br

tipos de argumentos, técnicas e condições semelhantes aos pressupostos teóricos de Abreu (2000) e Savioli; Fiorin (2006).

A escolha do *corpus* analisado ocorreu no momento em que realizamos atividades de coleta de material, leitura e análise de diversas publicações em jornais do Rio Grande do Norte durante o século XIX, acervo da *corpora* do projeto PHPB-RN, verificando as condições de legibilidade dos textos para efetivação do presente estudo.

Efetuamos a seleção de diversas cartas de leitores publicadas em periódicos do RN, como *O Brado Conservador* e *A República*, nos quais havia uma seção de cartas enviadas pelos leitores. Selecionamos uma carta na qual identificamos o maior número de ocorrência de argumentos e técnicas constantes das teorias abordadas, que se situam no objeto de investigação do presente trabalho. Na etapa seguinte, transcrevemos as cartas, para melhor visualização e manuseio. Depois, partimos para a construção das interpretações, que serviram de baliza para a análise final da carta do leitor escolhida.

Para tanto, discorreremos um pouco sobre a visão de argumentação para alguns autores. Na etapa seguinte, apresentamos aspectos de como acontece a lógica argumentativa abordada por Charaudeau (2009). A partir daí, discutimos a relatividade do conceito de gênero textual e o gênero carta, para, em seguida realizarmos a devida análise da carta selecionada, mostrando como se dá o movimento argumentativo.

O ATO ARGUMENTATIVO

O ato de argumentar não é exclusivo da modernidade, é uma tarefa que vem sendo praticada desde a antiguidade grega. Consta, de acordo com Esther Gomes de Oliveira, no artigo *A argumentação na Antiguidade* (2002), a arte de argumentar iniciou-se no século V a.C, quando os sicilianos reivindicavam o direito de suas terras, apropriadas por tiranos.

Alvo de inúmeras definições, o termo *argumentação* serve para conceituar a habilidade de persuadir e convencer. O convencimento deve acontecer independente de qualquer auditório, por meio de argumentos e razões, visando a levar o leitor a seguir uma linha de raciocínio que o obrigue a concordar com os argumentos expostos.

O termo *argumentação* serve para conceituar a habilidade de persuadir e convencer. O convencimento deve acontecer independente de qualquer auditório, por meio de argumentos e razões, visando a levar o leitor a seguir uma linha de raciocínio que o obrigue a concordar com os argumentos expostos.

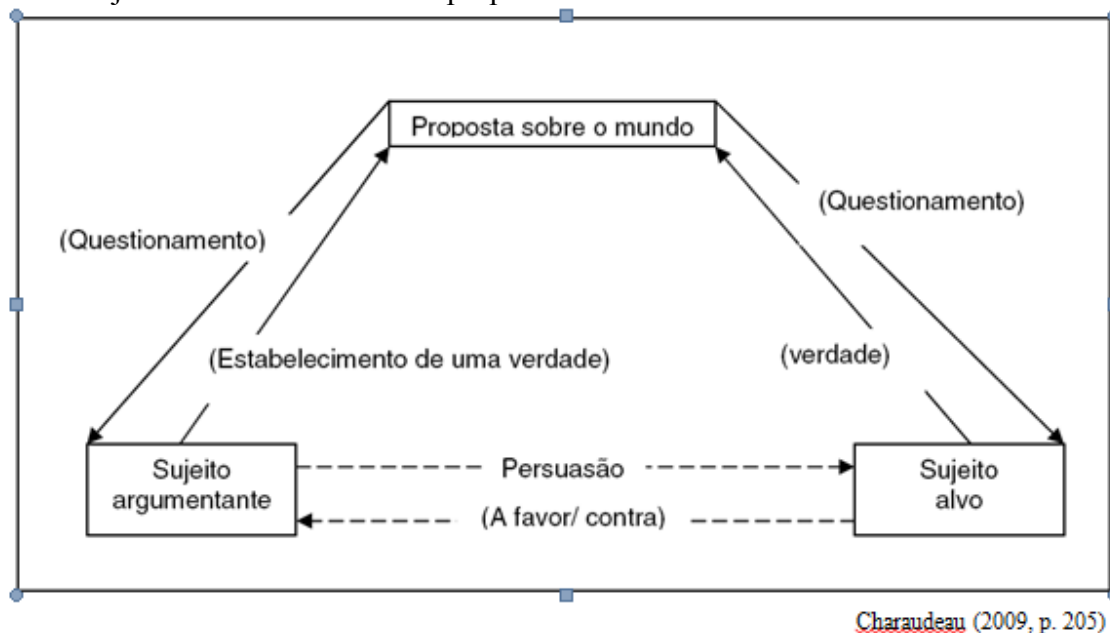
Segundo Abreu (2000), argumentar é uma arte de convencer e persuadir. O convencimento se dá no plano das ideias, quando o locutor gerencia uma informação, com demonstrações e provas, para mudar a opinião do outro. Já a persuasão se estabelece, no plano das emoções, quando o interlocutor é levado a fazer o que deseja o enunciador.

Do ponto de vista do autor, a definição de uma tese é condição fundamental à argumentação. Antes disso, o auditório deve ser preparado para concordar com outra proposição, a *tese de adesão inicial*, que se fundamenta em fatos ou em presunções. Uma vez aceita a tese, o locutor parte para a ideia a ser defendida.

No caso das cartas de leitores, a tese geralmente corresponde a protestos coletivos, solicitações de ajuda ou simplesmente à narração de algum episódio coletivo ou particular.

No tocante ao auditório, uma das hipóteses prováveis é que no momento da elaboração das cartas, a intenção dos produtores era que os textos se dirigissem a um auditório particular, o editor. Entretanto, no momento em que ocorre a publicação o auditório se converte em universal.

Para Charaudeau (2009), Argumentar é uma atividade discursiva que, do ponto de vista do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: uma busca de racionalidade que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo e uma busca de influência que tende a um ideal de persuasão, o qual consiste em compartilhar com o outro. Um certo universo de discurso até o ponto em que este último seja levado a ter as mesmas propostas.



Charaudeau (2009) distingue a situação de comunicação interlocutiva e a situação monolocutiva. Na situação interlocutiva os parceiros da comunicação estão presentes fisicamente, um diante do outro. O canal de transmissão é oral, o locutor se encontra numa situação na qual pode perceber imediatamente as reações do interlocutor. Já na monolocutiva, que é a situação que ocorre nas cartas de leitores, os parceiros não estão presentes fisicamente um diante do outro. O canal de transmissão pode ser oral ou gráfico e, nesse caso, o locutor não pode perceber imediatamente as reações do interlocutor (apenas imaginá-las). Logo, pode organizar o que irá dizer de maneira lógica e progressiva.

A LÓGICA ARGUMENTATIVA

Charaudeau (2009) contribui para o modo de organização argumentativo, afirmando que o texto argumentativo é mais complexo que os outros, pois é um recurso que leva em conta a experiência humana e esta em contato apenas com o saber. Até porque “*uma argumentação pode ser anulada em seu próprio fundamento ou por sua validade*” (Charaudeau 2009, p. 201). Para o autor, a asserção de partida, a asserção de passagem e a asserção de chegada, são os três componentes básicos da relação argumentativa. As relações entre as asserções acontecem por meio de processos denominados de Organização da lógica argumentativa.

A asserção de partida, que encerra um dado ou premissa, é o enunciado, representa um dado de partida, pelo qual se torna possível admitir-se uma outra asserção em relação à qual ela se justifica. É, portanto, a proposição da qual deriva uma consequência.

A asserção de passagem, que nem sempre está explícita, pode ser considerada como argumento, prova ou inferência. Essa asserção representa um universo de crença,

que os interlocutores envolvidos devem compartilhar a prova que o argumentante espera ser aceita como verdadeira pelo destinatário ou interlocutor.

A asserção de chegada é uma relação de causalidade e pode representar a causa da primeira proposição ou a sua consequência. Representa o que precisa ser aceito como verdade em decorrência daquilo que liga uma à outra.

O GÊNERO CARTA

De acordo com Silva (2002), na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas à distância. As cartas pessoais não são criações individuais nem surgem da noite para o dia, mas, sim, desenvolvem-se, consolidam-se e se transformam em função de uma série de injunções sócio-culturais e históricas. A carta pessoal é uma produção de linguagem socialmente situada, que engendra uma forma de interação particular.

Silva (2002) analisa cartas escritas e afirma que o falante conhece um modelo fixado para carta pessoal. Isso de alguma forma foi construído historicamente, por meio de práticas sociais. Esses modelos são apresentados em diferentes manuais como requisitos da constituição de uma carta.

Na primeira parte de uma carta pessoal encontra-se algo que se pode denominar como abertura do evento. Esta abertura consta de um cabeçalho que exerce a função de contextualizador do evento comunicativo. Ela ancora o texto na situação comunicativa no que respeita à origem e à época em que o texto foi produzido.

Segundo Andrade (s./d.), a carta do leitor é um gênero de domínio público que circula no contexto jornalístico, de caráter aberto. Tem como objetivo divulgar seu conteúdo e possibilitar sua leitura ao público em geral. Também atende a variados tipos de comunicação, como: pedido de ajuda para resolução de problemas, denúncia, reclamações particulares ou coletivas, relatos de episódios particulares em busca de soluções, bem como conselho, desculpas, informações e notícias familiares, entre outros. A pesquisadora ainda afirma que as cartas não possuem a mesma natureza, pois circulam em campos de atividade diversos, apresentando funções comunicativas variadas: nas relações pessoais, nos negócios, entre outras. Assim, esses tipos de cartas podem ser considerados subgêneros do gênero maior “carta”, pois todos apresentam traços comuns em sua estrutura básica: a seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida; mas são classificados quanto à forma de realização e suas intenções.

As cartas de leitores publicadas em periódicos riograndenses são exemplo de como a língua portuguesa era tratada em meados século XIX. Além disso, podemos dizer que essas cartas são amostras de como a sociedade northeriograndense se organizava, como eram seus costumes, sua forma de escrita, seus relacionamentos sociais, seus posicionamentos políticos e outros. Ou seja, toda a organização linguístico-discursiva e também social.

As cartas eram enviadas à redação dos jornais e assinadas por pessoas de várias posições sociais. Algumas não recebiam assinaturas e outras eram assinadas por pseudônimos ou siglas. Logo, podemos afirmar que o jornal era um instrumento de troca de cartas, de correspondências, de discursos. Isto é, era um ambiente de falas.

ANÁLISE DA CARTA

O *corpus* selecionado para a realização da presente análise é composto de uma Carta do leitor extraída de parte da *corpora* do Projeto Nacional PHPB. Nela, o autor

relata os acontecimentos durante uma eleição para escolha de Vereadores e Juizes de paz, na Vila de Sant'Anna do Mattos, na província do Rio Grande do Norte, no ano de 1880, publicada no jornal *Brado Conservador*, em 22 de dezembro do mesmo ano.

O produtor da carta pretende informar acerca dos fatos ocorridos por ocasião do referido pleito eleitoral. Inicia narrando os acontecimentos em ordem cronológica e conta como ocorreu a eleição da Mesa Paroquial, na presença do 1º Juiz de Paz, João Francisco Uchoa e o juiz municipal suplente João Severiano Correa, que ao final foi constituída por partidários de dois candidatos, o tenente Felipe e o alferes Juvenal.

Outrossim, relata as relações de poder na província, cujos cargos mais importantes são de nomeação de um dos candidatos, o tenente Felipe. Descreve que no momento da eleição, ocorre uma calorosa discussão entre as partes, cujo intuito do grupo dominante é tomar posse do livro de atas, com o objetivo de fraudá-lo. O episódio culmina com violenta agressão e duas pessoas feridas.

Ao final, os ânimos se acalmam e a eleição é realizada com a vitória do alferes Juvenal. O produtor da carta mostra cenários enfatizando o caráter do candidato derrotado, tenente Felipe, que pelo seu comportamento não reúne condições para assumir qualquer cargo na Villa de Sant'Anna do Mattos.

A partir de então, analisaremos como acontece o movimento e o modo de organização argumentativo na produção da carta, no que se refere aos três elementos de base da relação argumentativa que são, como aponta Charaudeau (2009): *asserção de partida, asserção de passagem e asserção de chegada*,

Para Abreu (2000), a condição imprescindível no processo argumentativo é o estabelecimento de uma tese. Para isso, o auditório deve ser preparado, a fim de que aceite uma outra proposição à tese de adesão inicial, que corresponde à asserção de partida na visão de Charaudeau (2009).

Com base nessas premissas, podemos considerar como exemplo de asserção de partida, trecho do relato do ocorrido nas eleições, conforme constatamos a seguir:

ASSERÇÃO DE PARTIDA

Asserção de Partida
<i>Ainda sob a mais triste e desagradavel impressão venho dar-lhe noticias do occorrido na eleição a que ultimamente se procedeu nesta villa para vereadores e juizes de paz. (...) Logo nesta ocasião o juiz municipal supplente João Severiano Correia Barbosa, e os mesarios Baracho e Corsino, caudatarios do tenente Felipe, dirigiram alguns insultos ao alferes Juvenal e a outros cidadãos, o que deu lugar a um grande tumulto. O tenente Felipe, conscio de sua nullidade política, e não dispondo de votantes para fazer sequer o terço e a supplicia dos vereadores, concebeu o plano de barulhar a eleição, como passarei a expôr.</i>

Desse trecho, extraímos a premissa que o autor defendeu para chegar à ideia principal. Nesses parágrafos, o produtor da carta está preparando o auditório para fazê-lo concordar com o seu ponto de vista. No decorrer do processo argumentativo mostra que a ação do tenente Felipe, ciente da sua nulidade e incapacidade de vencer a eleição, pretendia tumultuar o pleito, com o intuito de fraudar os resultados em benefício de sua candidatura.

Nesse segmento, o autor apresenta o dado ou premissa - *o candidato Felipe, ciente de sua derrota, elaborou um plano para fraudar as eleições*- da qual decorrerá

uma consequência. Essa premissa seria a *asserção de partida*, pois conforme contribui Charaudeau (2009), essa asserção “representa um dado de partida destinado a fazer admitir uma outra asserção em relação à qual ela se justifica” (p. 209). Essa outra asserção é a ideia principal, a qual o produtor do discurso mediante argumentos, tentará levar o leitor a acreditar que o candidato Felipe não tem competência para vencer a eleição.

ASSERÇÃO DE PASSAGEM

Mostraremos, a seguir, como o redator da carta apresenta alguns argumentos que compõem a sua asserção de passagem com o objetivo de convencer o leitor.

Charaudeau (2009) afirma que essa proposição representa o argumento que deve ser aceito como prova pelo interlocutor e justifica a relação de causalidade entre a *asserção de partida* e a *asserção de chegada*, ou tese principal. Essa asserção, no entanto, nem sempre aparece explícita, diz ele. Ela pode ser denominada prova, inferência ou argumento.

Como apontam Savioli; Fiorin (2006), as opiniões exprimem julgamentos, pontos de vista e expressam aprovação ou desaprovação. O valor dessas opiniões, entretanto, só é levado em conta pelo leitor quando o ponto de vista se embasa em fatos comprobatórios e os argumentos se sustentam em provas concretas.

Para Abreu (2000), essa asserção ocorre por fatos ou presunções, que são os argumentos que fundamentam a *tese de adesão inicial*, e toma como referência normalmente o que é verossímil.

	Asserção de Passagem	Técnicas e recursos argumentativos
1	<i>(...) O plano da tomada do livro para se fazer duplicata estava tão concertado entre os felippinos que o mesario Manuel Baracho, quando voltou de casa foi com os pés descalços, arregaçado, sem palitot, e armado de faca e cacete trocando assim as vestes de mesario pelo trage do capanga. (...)</i>	Presunção
2	<i>(...) Ao traçar estas linhas ocorreu-me uma das maximas do Marquez de Maricá, ei-la: Os homens sem merito algum brochados de insignias e de ouro, são comparaveis aos maus livros ricamente encadernados. (...)</i>	Argumento de Autoridade
3	<i>Corre por certo que o tenente Felipe, despeitado com a derrota, dissera ao velho Jose Joaquim Barbosa que, quando tivesse de fazer outra eleição, o governo lhe havia de fornecer uma grande força. Coitado! Não quer desenganar-se que a verdadeira força para ganhar-se uma eleição consiste na popularidade e no prestígio, e é isto o que absolutamente lhe falta nessa freguesia, por isso há de perder todas as eleições que aqui tiver de pleitear. (...)</i>	Argumento do Ridículo
4	<i>(...) Alem deste saiu mais um outro ferido; mas acreditamos que não haverá processo, porque tanto os desordeiros como as autoridades locais, isto é, delegado e juiz municipal, são todos felippinos, e o seu chefe garante-lhe que nada soffrerão, visto a importância que lhe prestam o Chefe da policia e o presidente da provincia. (...)</i>	Argumento baseado no consenso
	<i>Não devo concluir esta sem chamar a atenção do Exm. Presidente da provincia e do dr. Chefe de policia para os acontecimentos desta</i>	

5	<p><i>villa, outr'ora chamada constitucional, de Sant'Anna do Mattos: que não pode continuar sob a prepotência de uma influencia inteiramente perniciosa qual é a do tenente Felipe, que já não poupa o sangue de seus conterrâneos, por sobre cujas ruínas procura elevar-se. (...)</i></p> <p><i>Logo que me chegue o tempo mostrarei à esse Severiano que, por infelicidade dos Santanenses e por obra e graça do tenente Felipe, è juiz neste termo. Por ora basta dizer que esse homem, em quem o tenente Felipe tanto confia, em certo tempo atacou a mão à armada um irmão do Vigario de Macáu, padre José Joaquim Fenandes, de nome Jesuino, obrigando-o a passar um recibo de saldo de contas sem lhe dar um só vintém!</i></p>	Argumento pelo antimodelo
6	<p><i>(...) Não devo concluir esta sem chamar a atenção do Exm. Presidente da província e do dr. Chefe de policia para os acontecimentos desta villa, outr'ora chamada constitucional, de Sant'Anna do Mattos: que não pode continuar sob a prepotência de uma influencia inteiramente perniciosa qual é a do tenente Felipe, que já não poupa o sangue de seus conterrâneos, por sobre cujas ruínas procura elevar-se.</i></p> <p><i>A paciência também tem seu termo, e a dos pacíficos Santanenses está prestes a esgotar-se. (...)</i></p>	Argumento pragmático

No fragmento 1, o produtor do texto usa a *presunção* para argumentar o quão já estava arquitetado o plano para duplicação da ata pelo tenente Felipe e seus seguidores, tanto que um dos mesários, após pedir licença para se retirar, retorna ao recinto com outra indumentária. Ou seja, portando armas, um sinal claro de que a trama já estava arquitetada.

No item 2, o autor da carta se utiliza do *argumento de autoridade* fazendo a citação de uma máxima do Marquês de Maricá, aqui mencionado, por tratar-se de uma personalidade importante no cenário cultural do Império, que se destacou por seus conhecimentos em diversas áreas e de modo especial pela forma de fazer política. Essas máximas servem talvez de retrato do senso comum, ou melhor: são “documento relevante do que pretendiam nossas elites e de como construíam seus valores políticos, sociais, éticos e, acima de tudo, o patrimônio moral, sempre legitimado pela religião” (Fonseca, 1839).

Assim, o locutor usa esses recursos para fazer uma analogia entre um livro - cuja capa se apresenta bonita, porém sem conteúdo - e o caráter escuso do tenente Felipe. Os recursos aqui utilizados para reforçar essa ideia são chamados de *argumentos de autoridade*.

Para Savioli; Fiorin (2006), o *argumento de autoridade* é um recurso que o locutor utiliza, citando autores de renome, objetivando sustentar sua argumentação. Para isso, recorre ao conhecimento de uma autoridade com notório domínio na área de atuação e de autores renomados que conhecem bem o tema tratado, para dar força ao seu ponto de vista.

No item 3, o redator se apropriou de uma técnica argumentativa conceituada por Abreu (2000), como *argumento do ridículo*, bastante utilizada na argumentação, cuja estratégia de persuasão consiste em adotar e acatar provisoriamente o raciocínio do outro, tirando assim todas as conclusões possíveis, lançando mão de situações irônicas ou cômicas para sustentar sua tese.

Nessa situação, o articulista, aceitando provisoriamente a fala do outro, utiliza-se da expressão *coitado!* e *não quer desenganar-se que a verdadeira força consiste na popularidade e no prestígio* para ironizar e argumentar contra o tenente Felipe, que

defende ideias retrógradas de que a força bruta é que faz ganhar eleições.

Para efeito de argumentação, Savioli; Fiorin (2006) contribuem afirmando que os *argumentos baseados no consenso* são aqueles em que o locutor recorre ao uso de proposições evidentes por si ou universalmente aceitas como verdadeiras e, por isso, prescindíveis de demonstração, como procedeu o autor do texto no fragmento 4.

O articulista do discurso deduz que nenhum processo será aberto para apurar os delitos. Isto porque, tanto os desordeiros como uma parcela das autoridades são seguidores do tenente Felipe e é consenso entre a população, o prestígio que esses políticos possuem junto ao chefe de polícia e o presidente da província. Portanto, é provável que não haja qualquer punição alguma aos infratores.

No item 5, o articulador da carta utiliza-se de um argumento baseado na estrutura do real, com a intenção de persuadir pelo *antimodelo*. Consoante à teoria de Abreu (2000), esta técnica argumentativa consiste em apresentar um modelo negativo que deve ser desprezado com a finalidade de induzir o comportamento oposto.

O modelo que não deve ser seguido são as atitudes truculentas e ilícitas do tenente Felipe, que perturbam a ordem local e promovem desordens como a tentativa de violação do resultado das eleições; do confisco da ata e das agressões físicas contra os adversários. Na segunda citação do item 5, essa ideia é corroborada quando o autor evidencia o caráter do candidato tenente Felipe, mostrando o tipo de pessoas com as quais este se relaciona, citando um deles: o juiz Severiano, indivíduo de sua confiança, que, de acordo com o exposto, comprovamos que costuma se envolver em desordens. Esses dois parágrafos vêm reforçar a intenção do autor: e Em sua argumentação evidencia a ausência de qualidades do indivíduo que pretende conduzir os destinos do povo do lugar.

No item 6, o locutor usa um *argumento pragmático* para dar poder a sua tese. Esse conceito formulado por Abreu (2000) fundamenta-se em torno da relação entre o acontecimento, que representa a causa, e as consequências daí advindas, que são os efeitos desse acontecimento. Nesse argumento, o fato é avaliado por efeitos, e estes são usados como poder argumentativo.

Observamos que o autor argumenta mostrando as consequências que podem se originar das atitudes do tenente Felipe e seu grupo de seguidores. Pelo que foi narrado no texto, deduzimos que são frequentes os abusos cometidos por eles e que a tolerância dos cidadãos está chegando ao fim porque elas também têm limite. Assim, o produtor da carta faz da sua voz a voz comum a toda a população que não suporta mais viver sob a prepotência e desmandos ali praticados. Faz do seu discurso, o discurso de todos e uma forma de denunciar e de apelar ao Presidente da Província, alertando sobre a possibilidade de mais derramamento de sangue dos conterrâneos.

ASSERÇÃO DE CHEGADA

Essa asserção “Representa o que precisa ser aceito como verdade em decorrência da asserção de partida” (Charaudeau 2009, p. 209) daquilo que liga uma à outra. Ou seja, representa a consequência (“A1- asserção de partida, portanto A2- asserção de chegada”). A *asserção de chegada* ou *tese principal* que é a legitimidade da proposta do produtor do discurso.

No item 6, o autor da carta apropria-se do argumento pragmático e sinaliza a sua asserção de chegada, chamando a atenção do *Exm. Presidente da província e do Chefe de polícia para os acontecimentos da villa* mostrando aspectos da postura do candidato Felipe diante de *seus conterrâneos*. Logo, podemos dizer que a asserção de chegada poderia ser interpretada da seguinte maneira:

Asserção de chegada

O tenente Felipe, além de autoritário e prepotente, não possui capacidade para concorrer a qualquer cargo na Vila de Sant'Anna do Mattos, não merecendo, assim, o voto dos cidadãos.

A ideia principal que o autor pretende passar ao leitor é que o tenente Felipe não possui capacidade para concorrer a qualquer cargo na Vila de Sant'Anna do Mattos. A comprovação disso dá-se pelos atos praticados pelo candidato durante o processo eleitoral, desde a composição da Mesa Paroquial, quando os partidários do tenente Felipe tumultuaram o acontecimento, proferindo insultos ao Juiz substituto, aos mesários, ao candidato Alferes Juvenal e a outros cidadãos.

Ciente da sua derrota, o tenente Felipe concebe um plano para fraudar o resultado das eleições. Um dos seus correligionários, após promover vários tumultos, desacatando o juiz e os mesários, arranca violentamente da mesa o livro de atas, dando lugar a uma luta que termina ferindo um cidadão que consegue recuperar o livro. Finalmente a eleição se realiza com a vitória do Alferes Juvenal.

Concluindo o processo argumentativo, após definir a sua tese inicial e em seguida argumentar e oferecer as provas, o autor da carta nos apresenta a sua *asserção de chegada*, ou conclusão que representa a consequência (“A1 portanto A2”): o candidato Felipe, ciente de sua derrota, elaborou um plano para fraudar as eleições (*asserção de partida - A1*). Portanto, o tenente Felipe, além de autoritário e prepotente, não possui capacidade para concorrer a qualquer cargo na Vila de Sant'Anna do Mattos, não merecendo, assim, o voto dos cidadãos (*asserção de chegada- A 2*), consequência da assertiva 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do autor da carta, que a princípio, parece ser apenas narrar os acontecimentos em torno do pleito, mostra ao longo do conteúdo que não se limita a isso. Os movimentos argumentativos que apresenta têm o intuito de esclarecer à população sobre o comportamento autoritário e prepotente do candidato derrotado. Usa para esse fim, uma série de argumentos mostrando tudo quanto é capaz o candidato, evidenciando facetas de sua vida que possivelmente não eram do conhecimento da população.

Além de informar sobre o resultado de um pleito eleitoral, qual seria o objetivo de uma carta tão bem elaborada, se a eleição já ocorrera e o candidato em questão havia perdido o pleito? Do ponto de vista do redator do texto, ainda que a população tenha derrotado um candidato incompetente, ela pode desconhecer aspectos relevantes da conduta desse cidadão.

Acaba por configurar o seu real propósito comunicativo, pois se reveste de forte poder de argumentação, utilizando diversas técnicas e recursos e converte-se em instrumento de vigilância. Extrapola, portanto, o objetivo a que se propunha a princípio. Ou seja, informar o resultado das eleições e conclama os cidadãos a evitar os abusos do poder, enquanto reitera a atitude acertada do eleitor, para que este, cada vez mais consciente, não incorra em erros em futuros pleitos.

Logo, a carta analisada, pelas características peculiares que apresenta, serviu como instrumento de persuasão aos eleitores numa época em que os meios de comunicação eram restritos e os jornais serviam, portanto, de importantes suportes de informação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: Gerenciando razão e emoção*. 2ª ed.- São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. *Tradições Discursivas em cartas de leitores na imprensa paulista: estudo dos papéis sociais e formas de tratamento numa perspectiva diacrônica*. USP, São Paulo.(s/d)

CHARAUDEAU, Patrick. Modo de organização argumentativo. In: _____ *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coord. Da tradução Ângela M.S. Corrêa e Ida Machado. São Paulo: Contexto, 2009. p. 201-249.

FONSECA, Mariano José Pereira. *Máximas, Pensamentos e Reflexões - Marquês de Maricá*, 1839.

MELO, Cristina T.V. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.

OLIVEIRA, E. G. *A argumentação na Antigüidade*. Signum: estudos da linguagem, Londrina, n. 5, 2002, p. 201-214.

SAVIOLI, Francisco Platão & Fiorin, José Luiz. *Lições de Texto: leitura e redação*. 5ª ed.- São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos – da Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2002.

SITE CONSULTADO

www.livrosgratis.net/download/2619/maximas-pensamentos-e-reflexoes-marques-de-marica.html. Acesso em: 25/05/2011.